

AS
FOMES
DO POVO
E AS
PARTILHAS
DO REINO
DE DEUS
EM TEMPOS
DE PANDEMIA

“ Porque
tive fome
e me destes
de comer ”

Mt 25,35a

Andresson 2020

AS FOMES DO POVO E AS PARTILHAS DO REINO DE DEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA

“ Porque tive fome e me destes de comer ”

Mt 25,35a

Publicação da 20ª Campanha Primavera para a Vida CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço
Setembro/2020

Organização: Sonia Gomes Mota e Marília Pinto

| | |
|---|----|
| Apresentação | 03 |
| Marcus Barbosa Guimarães Sônia Gomes Mota | |
| Felizes os pobres, que repartem e se organizam, porque serão saciados | 05 |
| Irmã Terezinha Maria Foppa | |
| A fome grita seus nomes | 10 |
| Cibele Kuss, Renate Gierus e Talita Kutz | |
| Ao redor da mesa | 13 |
| Helivete Ribeiro | |
| O milagre de juntar os cestos | 17 |
| Bianca Daébs | |
| As Fomes do povo e as partilhas do Reino de Deus em tempos de pandemia | 20 |
| José Roberto Cristofani | |
| No banquete da vida, o milagre da partilha | 24 |
| Augusto Amorim Jr | |

Ilustração: Anderson Augusto Pereira - Teólogo, Artista plástico, ilustrador e pintor de Arte Sacra.

Diagramação: ZWA Marketing Digital

Textos dos depoimentos: Marília Pinto e Luana Almeida

Fotos: Arquivo CESE

AS FOMES DO POVO E AS PARTILHAS DO REINO DE DEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA

“ Porque tive fome e me destes de comer ”

Mt 25,35a

Neste tempo de recolhimento e apesar da COVID-19 e das pandemias que estamos enfrentando, chegou a primavera trazendo para nós a esperança de renovação e de recomeço. Como escreveu Cora Coralina: «...recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.»

Para celebrar esta estação que nos convida a sermos sementes e sinais de esperança, fazemos chegar em suas mãos mais uma publicação da Campanha Primavera Para a Vida que a CESE realiza há vinte anos. Esta publicação visa oferecer, às igrejas, material de reflexão bíblica, em diálogo com um tema candente no momento presente, para ser usado em reuniões, encontros, estudos e catequese. Este ano, tendo em vista o desmascaramento das profundas desigualdades existentes no país, e que foram agravadas pela pandemia do corona vírus, o tema escolhido foi: "As fomes do povo e as partilhas do reino de Deus em tempos de pandemia – 'Porque tive fome, e me destes de comer' (Mt 25.35a)". Este tema vem no momento em que estudos indicam que cerca de 12 mil pessoas podem morrer por fome diariamente até o final de 2020 devido às consequências da pandemia de Covid-19. O Banco Mundial afirma que aproximadamente 5,4 milhões de novas pessoas deverão entrar na extrema pobreza no Brasil, totalizando cerca de 14,7 milhões até o fim de 2020, um dado que faz o país voltar ao Mapa da Fome, do qual tinha saído anos atrás.

Mas a proposta desta publicação é, também, ajudar a refletir sobre os diversos tipos de fome que o nosso povo está enfrentando - fome de comida saudável, fome de justiça, de igualdade racial e de gênero, de democracia, de direitos; fome de espiritualidade e de uma mística capaz de trazer coragem, força, paz, resistência e resiliência nesses tempos difíceis - e como tem encontrado apoio e buscado alternativas para superá-las.

É fato que a pandemia afeta todas as pessoas, mas ela revela as profundas desigualdades quando observamos quais segmentos da sociedade ela atinge mais dramaticamente. As estatísticas mostram a classe, o gênero e a raça de quem está sendo mais impactado por esta pandemia. Resultados de um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, da PUC-Rio, confirmam que pretos e pardos morreram por Covid-19 mais do que brancos no Brasil.

Uma pesquisa do Instituto Pólis mostrou que, observado o recorte de gênero e raça/cor ao mesmo tempo, a taxa de mortalidade padronizada de homens negros chega a 250 mortes a cada 100 mil habitantes, enquanto a taxa para brancos é de 157 mortes a cada 100 mil. Entre as mulheres brancas, foram 85 mil óbitos/100 mil habitantes e, para mulheres negras, o indicador subiu para 140 mortes/100 mil. Estas estatísticas são reveladoras das desigualdades que assolam o nosso país.

De acordo com o levantamento autônomo da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), até o dia 9 de setembro o novo coronavírus havia infectado 4.541 pessoas e feito 157 vítimas entre os quilombolas. Também se observam altos índices de contaminação e mortalidade na população indígena: segundo dados da APIB - Articulação de Povos Indígenas do Brasil, são 158 povos atingidos, 33.412 infectados e 828 mortos.

Diante desta realidade, a CESE, e organizações ligadas à diaconia das igrejas que assumem o compromisso com a defesa de direitos humanos, procuraram articular-se com outras expressões de fé e com movimentos sociais para uma ação conjunta, buscando meios de enfrentar as diversas fomes escancaradas pela pandemia. Foram articuladas campanhas humanitárias emergenciais, campanhas para arrecadação de alimentos e materiais de higiene e de proteção individual, campanhas de conscientização e pronunciamentos públicos.

Frente aos inúmeros e distintos tipos de fome que percebemos cotidianamente em nosso país, as igrejas cristãs são desafiadas a se posicionar profeticamente diante deste grave atentado à dignidade humana. Muitas pessoas estão famintas por vida digna e necessitam de braços e vozes que as ajudem a saciar sua fome de justiça.

Convidamos você a usar este material que traz PALAVRAS DA VIDA, inspiradas na PALAVRA DA BÍBLIA. São casos concretos de engajamento no tema, vidas de pessoas e de grupos que receberam apoio da CESE através das campanhas e dos projetos apoiados durante a pandemia da COVID-19. Nossa gratidão à valiosa contribuição das pessoas que escreveram os textos, representando a diversidade de olhares das igrejas que compõem a CESE e que enriqueceram esta publicação com suas reflexões.

Como cristãos e cristãs não podemos nos omitir e nos calar diante das fomes do nosso povo. Cuidarmos uns dos outros e umas das outras é compromisso de fé e testemunho. Ecoa em nossos ouvidos a palavra de Jesus: "Vinde benditos/as de meu pai, porque tive fome e me destes de comer".

Marcus Barbosa Guimarães

Presidente da CESE
Padre da Igreja Católica Apostólica Romana

Sônia Gomes Mota

Diretora Executiva da CESE
Pastora da Igreja Presbiteriana Unida

FELIZES OS POBRES, QUE REPARTEM E SE ORGANIZAM, PORQUE SERÃO SACIADOS.

Irmã Terezinha Maria Foppa ¹

O tema proposto para a Campanha Primavera para a Vida, promovida pela CESE, nos convida a refletir sobre as fomes e partilhas do povo.

Perguntas motivadoras

- :: Que tipos de fomes você conhece? Quais destas fomes mais desafiam você? Por que é tão difícil sanar estas fomes?
- :: Que iniciativas, ações concretas você conhece de partilha que são sinais do Reinado de Deus?
- :: Em qual você participa?

1- Introdução

Me chamo Terezinha Maria. Há mais de 40 anos vivo e trabalho na Bahia, na região do semiárido. Assumi, nesta terra, junto com outras irmãs e irmãos, a missão de motivar a esperança e a organização, com o objetivo de contribuir com a melhora das condições de vida das camadas populares que vivem em Itaberaba - na diocese de Ruy Barbosa - BA e em Morro do Chapéu - diocese de Irecê - BA.

Faz quatro décadas que estou inserida nesta realidade semiárida e com tristeza afirmo sempre ter convivido com este desafio das fomes. Em 2020, a fome está voltando, de uma forma trágica, nestes tempos da pandemia do corona vírus e de crises governamentais permanentes. Relato para vocês o que eu sinto a partir da minha fé e do meu amor solidário para com o povo com o qual convivi e convivo até hoje. Conquistei, aos poucos, a profunda convicção sem arrependimentos, e confrontando-me com a Bíblia, Palavra de Deus, que toda pessoa humana, independentemente de origens étnicas, crenças e igrejas, é e será sempre para mim, minha irmã, meu irmão. A Campanha Primavera deste ano é um convite que move a fé e a alegria de viver juntos, mais incentivados/as e capacitados/as a repartir o pão da vida em todos os seus significados. .

Minha experiência

Ao longo desses anos, sempre estive e continuo inserida numa "equipe pastoral" e na Comissão Pastoral da Terra (CPT) onde, junto com outros agentes voluntários e voluntárias, de boa vontade, assistimos e ficamos solidários/as com muitos empobrecidos. Nos inícios, eram os posseiros e posseiras de Itaberaba, Iaçú, Boa Vista do Tupim, Itaetê, Utinga, Ruy Barbosa... que não tinham documentos escritos da sua terra (tinham direito de posse). Nasceram e se criaram nelas, mas, no início dos anos 80, quando cheguei nesta região, estavam sendo expulsos do seu lugar, ficando sem terra, sem trabalho, morando nas periferias das cidades e em pequenos povoados. Presenciei e senti o que significava essa situação. Lembro que, não acostumada a isso, o meu coração ficava apertado e à noite quase não conseguia dormir, quando encontrava em cada canto crianças desnutridas, no colo das mães ou de uma ajudante vizinha. Eram tão fracas que não tinham força nem para chorar e, menos ainda, para sorrir. Não posso esquecer que, após um mês dos primeiros contatos, quando houve uma pequena organização de um grupo de mães que se solidarizaram e criaram uma casa de recuperação de crianças desnutridas, vi essas mesmas crianças vivas, se fortalecendo, sorrindo, brincando no pátio daquela pequena casa. Então, a gente se perguntou e continua se perguntando ainda hoje: por que acontece isso? Por que tanta dificuldade para resolver um direito básico das pessoas? Nas comunidades onde prestamos nosso serviço, atualmente, em Morro do Chapéu, região de Wagner e Utinga, com tristeza vemos, ainda hoje, cenas parecidas atingindo não apenas as crianças, mas, jovens, adultos e pessoas idosas.

¹ Catequista Franciscana e integrante da CPT Bahia

Além, da fome, tem a sede que deixa o povo cada vez mais preocupado e incapaz de ver um futuro neste país, que tem muita água ainda, mas, que estamos vendo os rios que começam a secar, nascentes se esgotando, rios inteiros secam pelos cultivos intensivos de uma cultura só, como acontece com as bananas irrigadas em Utinga, as cebolas em Morro do Chapéu... A produção serve para o comércio nas cidades principais. O Rio Utinga, por exemplo, que conheço há mais de 30 anos, atualmente seca com frequência porque poucas pessoas, grupos, empresas tiram toda água para as culturas do agronegócio, deixando mais de 20 comunidades e assentamentos sem água. Com tudo isso, podemos afirmar que uma das causas da fome e sede são as injustiças da acumulação das terras e da ganância pelo lucro de poucos.

Quem vive onde estão sendo implantados os parques eólicos, em Morro do Chapéu e municípios vizinhos, sabe muito bem que as empresas visam sempre, como prioridade, o lucro. É só ver como se dão a compra e arrendamento das terras. Poucos se dão conta do que está por trás de uma longa e bonita fileira de torres eólicas. Entre os impactos sociais e ambientais que são gerados, lembro entre os mais visíveis: é suprimido, na maioria das vezes, o espaço onde o pessoal podia se abastecer de água e cuidar do criatório miúdo que vivia "na solta". Na lógica do lucro, a qualquer custo e para poucos, estão também os donos do agronegócio, que produzem para o mercado, sem respeitar a natureza: terra, plantas, matas, águas. Neste processo que alguns ainda chamam de progresso e de modernidade, acrescenta-se o uso de agrotóxicos que envenenam tudo, matam a saúde dos seres humanos, dos animais e das plantas... mas, não matam as fomes e sedes verdadeiras e mais profundas.

Outro desafio que vemos e enfrentamos é a situação de muitas mulheres e crianças, vítimas de uma violência gratuita, sem motivo nenhum a não ser o machismo desumano e a incapacidade de se dar conta de que homens, mulheres, crianças, jovens e idosos/as, são pessoas humanas que merecem respeito à sua dignidade e ao valor que cada um e cada uma têm. Essa é uma das maiores lutas que estamos travando. Já aconteceram casos em que tivemos que hospedar em nossa casa mulheres ameaçadas e feridas pelo marido para que não fossem assassinadas. O tempo triste da atual pandemia ainda não foi suficiente para nos motivar e criar novos relacionamentos, respeitosos das diversidades: é só analisar como são tratadas as pessoas negras, os moradores de rua, os migrantes, os desempregados, e os que mais sofrem... Hoje, há muita fome e sede de dignidade, valorização, autoestima, autonomia, liberdade....

Horizonte de esperanças concretas

Faz parte fundamental da convivência com realidades sempre ameaçadoras e "causadoras de fome" perceber um aspecto que continua fornecendo aos pobres um horizonte incrível de esperança. No semiárido, nas periferias de nossas pequenas e até grandes cidades, pode ser encontrada uma força que sustenta a vida deste povo. Ela vem de duas fontes que alguns meios de comunicação de massa tentam destruir, mas não conseguem: a fé na Palavra de Deus e a crença profunda, porque amorosa, das tradições antigas que os mais velhos ou "encantados" conservam e repassam de pais para filhos, como fazem os indígenas e os quilombolas. Eles são os mais perseguidos, mas são igualmente os mais resistentes porque têm a espiritualidade do contato com a terra e a natureza que são seres vivos que lhes transmitem vida. Esta é uma das formas mais autênticas e sagradas da Palavra de Deus.

Os pobres têm a profunda convicção de que quando você reparte o pouco que tem com quem tem menos ainda, nunca vai faltar pão e vida para ninguém.

Lembro como eles ficam impressionados quando chegam a conhecer e se identificam logo com:

- A história de Abraão e Sara que saem de suas terras porque não eram suas e não aguentavam mais viver no sistema dos impérios - que antecipavam as potências da Assíria e da Babilônia - e acolheram a inspiração dos seus antepassados que veio do próprio Javé/Deus: "Sai da tua terra e vai para a terra que eu lhe mostrarei" (Gen, 12, 1);
- A história de Abraão e Sara que saem de suas terras porque não eram suas e não aguentavam mais viver no sistema dos impérios - que antecipavam as potências da Assíria e da Babilônia - e acolheram a inspiração dos seus antepassados que veio do próprio Javé/Deus: "Sai da tua terra e vai para a terra que eu lhe mostrarei" (Gen, 12, 1);
- Os acontecimentos que têm como protagonista o profeta Elias. Ele, certa vez, exausto, pede a uma viúva em Sarepta que lhe dê água e comida. Ela lhe oferece água e diz: "Pela vida de Javé seu Deus não tenho nenhum pão feito. Tenho apenas um pouco de farinha e um pouco de azeite na lata. Estou ajuntando gravetos para preparar o resto para mim e para meu filho. Depois vamos comer e ficar esperando a morte. Elias diz: "dá para mim também, pois estou morrendo de fome". Ela reparte e nunca mais faltou nem óleo nem comida. (1 Rs 17, 7-16);
- Jesus nos Evangelhos aponta também para esta mesma atitude heroica, quando elogia a viúva que depositou duas pequenas moedas (Lc 21, 1- 4). E reforça a importância de todos estarem organizados e partilhar para acabar com a fome: (Mc 6,34 – 38);
- No meio do povo com o qual convivi e convivo, jamais é esquecido um ditado popular que comenta muitos textos bíblicos: "O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada". As atitudes apontadas pelos textos da Bíblia e esse ditado, é pra gente dizer que não queremos uma mentalidade capitalista que só acumula para si;
- Mas, queremos sim, as acumulações e feiras dos sem-terra, trazendo produtos limpos, livres de agrotóxicos, de boa qualidade e a um preço acessível, como acontece em muitos lugares aqui nesta nossa região;
- Como as viúvas das duas histórias que ouvimos, os/as trabalhadores/as dos assentamentos durante este tempo de pandemia partilham com as famílias pobres das periferias das cidades toneladas de alimentos produzidos em suas roças e ainda são chamados de terroristas por abastados latifundiários;
- Durante esta pandemia, na diocese de Irecê, e em muitos outros locais a cargo de inúmeras organizações analogamente, estamos realizando a campanha "O Pão Nosso de cada dia". Todo mês são arrecadados alimentos e distribuídos a famílias pobres. São exemplos de como podemos fazer para nos ajudar a crescer no sentido de matar todo tipo de fome;
- Fica para mim e para você um grande e básico questionamento: "Dos governos eleitos para servir democraticamente, o que vamos exigir? Que propostas de política pública vamos apresentar?"

Concluimos com algumas bem-aventuranças que parecem novas mas, que, tenho a certeza, Jesus, filho de Deus e nosso Irmão, se estivesse aqui conosco presente fisicamente e todos os nossos mártires da terra juntamente com nossos ancestrais, certamente pronunciariam para todos nós, partindo daquelas bem-aventuranças que ressoaram na Galileia e que estão registradas nos evangelhos:

Bem aventurados os pobres que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Felizes os sóbrios, os austeros, os que consomem somente o necessário, os disponíveis para os outros em suas necessidades, porque eles são justos.

Felizes os que não contaminam, os que trabalham para conservar o planeta, porque eles são verdadeiros filhos da Terra.

Felizes os que se põem no lugar dos outros, porque saberão acolher os necessitados e serão chamados Irmãos.

Felizes os que se esforçam e trabalham para estabelecer relações solidárias e estruturas democráticas, porque abrirão caminhos novos e serão chamados filhos da Paz.

Felizes os que se arriscam e sofrem incompreensão pela compaixão que têm para com os marginalizados, porque esses são humanos.

Felizes os que não se ocupam o dia todo de negócios e oferecem seu tempo sem pedir nada em troca; os que não se corrompem, os que denunciam, com grave risco de suas vidas, a corrupção, o engano, os abusos, as violências, os totalitarismos, porque eles criarão as riquezas necessárias e são nossos caminhos.

Felizes os que são solidários com quem tem Aids, quem é recusado por ser migrante ou por causa de sua cor, etnia, pobreza ou orientação sexual, aquele a quem ninguém empresta ou aluga casa, porque desses é o futuro da esperança.

Felizes os desempregados, os que têm um contrato de escravos e um salário de miséria, os enfermos abandonados, os idosos solitários, as mães separadas e abandonadas que ninguém quer contratar, as mulheres maltratadas, as crianças escravas, os meninos de rua e os meninos maltratados e violentados, os povos oprimidos, os atingidos pela guerra, os esquecidos desta terra, os julgados e encarcerados injustamente, os perdedores.....

Felizes vocês que oferecem informações e que se preocupam para que todos aprendam.

Felizes os abertos às opiniões e ao diálogo, porque vocês tornam possível a compreensão, a solidariedade e o amor. (Eclesialia. Bem aventuranças do século 21 Francisco Barco Solleiro –Sevilla).

Histórias de vida

Projeto “Balaio do Fica na Roça”

Diante de toda essa desafiadora conjuntura, a coordenação executiva e as diretoras do MMTR-NE - Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste decidiram de forma coletiva e solidária beneficiar os nove estados da região Nordeste. Apesar da distância e do recurso limitado, o projeto apoiado oportunizou uma nova dinâmica de escuta e troca de informações. Ali, as mulheres reconstruíram a unidade e a solidariedade de ser mulher rural trabalhadora nordestina e levantaram as principais necessidades nesse momento de pandemia. Com isso, o recurso destinado pela CESE teve o objetivo de dar suporte emergencial na alimentação e nos cuidados com a saúde com a iniciativa “Balaio do Fica na Roça”.

A proposta beneficiou 100 famílias de 22 municípios com cestas básicas, máscaras de proteção e kits de limpeza e higiene. Aline Carneiro de Paula, moradora do Conde (PB) e coordenadora administrativa e financeira do MMTR-NE, conta que a distribuição dos produtos alimentícios nas localidades levou em consideração o respeito pelos gostos alimentares e a cultura de cada região: "No Maranhão, as mulheres preferiram substituir o fubá de milho por mais arroz, porque lá não se tem o hábito de consumir fubá. Na Paraíba, as mulheres não abriram mão de comprar a farinha de mandioca da localidade e de ter a rapadura nas feiras e, pensando nas crianças, foi colocado milho de pipoca", informou a coordenadora do movimento.

O kit de cuidado possibilitou o acesso a máscaras, álcool em gel e medicamentos para muitas mulheres que vivem em condições precarizadas: "Encontramos situações muito precárias e vulneráveis, mulheres sem acesso a água potável, sem acompanhamento de agente de saúde, com dez, onze filhos vivendo em um espaço minúsculo. Muitas residências sem banheiro, moradias de pau a pique, casas sem energia elétrica, e fome", informa Aline Carneiro. Além das cestas básicas e dos kits de higiene e limpeza, o MMTR-NE levou orientação contextualizada sobre a pandemia para prevenção nas comunidades.

Nesses tempos de pandemia, são as mulheres que têm desempenhado um papel fundamental nas articulações, nas ações de prevenção e na defesa de direitos, sobretudo no que se refere à alimentação, saúde e educação. O apoio da CESE representa o reconhecimento da importância desse trabalho em um contexto de aumento de violações dos direitos humanos e ataque às liberdades democráticas.

DEPOIMENTO

"Chegou em um momento muito oportuno, já que as trabalhadoras rurais não estão podendo produzir para vender. Somos gratas à CESE e à diretoria executiva que correu atrás da elaboração do projeto. A única coisa que as mulheres têm é o auxílio emergencial do governo para famílias com quatro, cinco, seis pessoas dentro de casa. Esse dinheiro sozinho não é suficiente para a sobrevivência." Jacy Barreto, diretora estadual do MMTR-NE



Cibele Kuss, Renate Gierus e Talita Kutz ¹

1 - Texto bíblico: 2 Reis 4.1-7

2 - Perguntas motivadoras:

:: A fome grita seus nomes. Quais são as vozes que ouvimos?

:: Vasilhas vazias. Como fazer chegar comida boa na mesa do povo?

3 - Abordagem do texto bíblico

O período histórico do texto bíblico é o século IX antes da era cristã, no reino do norte de Israel. É tempo de alianças com o povo fenício. A política de Estado, marcada pela fé javista, volta-se para o comércio internacional, às custas do campesinato. As comunidades rurais são duramente violentadas nos seus modos tradicionais de produção e distribuição dos bens, nos seus rituais de cura e garantia de alimentos. Fome e miséria se alastram. Eliseu vive em uma comunidade profética, enfrentando reis e seus abusos em relação ao povo.

O ciclo de narrativas de Eliseu é muito próximo ao ciclo de Elias. Os relatos do primeiro, porém, partem desde a perspectiva do cotidiano, articulando o dia a dia de mulheres e crianças, a vizinhança e o próprio profeta. Ênfase é dada às tradições populares e seu dinamismo, fazendo ressurgir a vida a cada negação da fome. O que sobressai no profeta Eliseu são gestos, atitudes e relações que brotam das experiências de enfrentamento e superação da fome a partir do cotidiano comunitário. Quando faz uso da fala, Eliseu se reporta ao contexto doméstico e familiar. Isso mostra que a profecia não tem lugar somente em oráculos e no enfrentamento direto a autoridades civis, religiosas e divinas da época, como marcam os relatos do ciclo narrativo de Elias, mas a profecia também se localiza nas agruras, nos saberes e nas relações existentes no dia a dia das pessoas e da vida comunitária.

O sagrado está no cotidiano e nos rituais que dele brotam, e são rememorados nas tradições da religião popular de Israel. É dali que surge a superação da fome, o protagonismo de mulheres e crianças e a vivência de direitos. O milagre da multiplicação do azeite se faz realidade e, cheio de sentido, salva vidas da escravidão, da morte, da invisibilidade, das relações desiguais e opressoras. A fé comunitária caminha solta e mobiliza a esperança por saúde e comida suficiente.

O texto bíblico nos coloca na casa da mulher que grita sua fome e a de seus dois meninos. As vasilhas estão vazias. A escravidão a ronda e ameaça a vida dela e das crianças. Ela grita forte e anuncia: "teu servo, meu homem, morreu" É uma mulher que sabe de si, de sua condição de viúva e de mulher. Uma família liderada por uma mulher, que vive em situação de fome e pobreza, que luta por comida boa, justa e partilhada. O profeta pergunta o que ela tem em casa e ela responde: não há nada na casa. Nada! Os diálogos com famílias em situação de extrema insegurança alimentar trazem os conteúdos da vida sofrida e violada de muitas famílias empobrecidas. Vasilhas e azeite.

Vizinhança. Abrir e fechar portas. E a mudança vai acontecendo na mobilização! Uma organização popular com participação de mulheres, crianças, vizinhança, azeite, muitas vasilhas, faz girar a produção para a comercialização, cuidando da casa, da família, enfrentando a violência a partir da cooperação solidária para produção e comercialização do azeite. Economia solidária, comercialização, renda, comida boa sem veneno é o que queremos para toda a sociedade brasileira.

¹ Representantes de FLD, COMIN e CAPA, respectivamente. Fundação Luterana de Diaconia: www.fld.com.br; Conselho de Missão entre Povos Indígenas: www.comin.org.br; Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia: www.capa.org.br

² Inspirado em palavras de Nancy Cardoso "Receita de vida na cozinha com Elias e Eliseu", disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/7276/5581>, acessado em 17 de setembro de 2020.

4. Abordagem a partir de fatos da vida

As mulheres na agroecologia

O Brasil é o décimo país mais desigual do mundo, onde apenas seis pessoas possuem a riqueza equivalente ao patrimônio de 100 milhões de brasileiras e brasileiros mais pobres (OXFAM, 2018). Vemos cada vez mais o desmonte dos serviços públicos, da retirada de direitos, extinção de espaços de participação popular na tomada de decisões, como ocorrido em 2019 com o CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. As ações construídas no âmbito do CONSEA foram reconhecidas pelas Nações Unidas como responsáveis pela retirada do Brasil do mapa da fome em 2014, principalmente pelas ações junto aos programas de proteção social, superação da pobreza, redução das desigualdades, fomento à produção agrícola de base familiar e de acesso à alimentação saudável, que surgiram a partir do CONSEA.

A Agroecologia é entendida como Ciência, Prática e Movimento Social que atua diretamente como resistência a esses desmontes, na constante busca pela superação da fome, na preservação da natureza, na construção de uma sociedade justa e igualitária que extrapola o campo da produção de alimentos, tendo como premissa a não violência, com um olhar para a vida e os direitos dos povos ao acesso e utilização das terras, de suas culturas, ancestralidades e saberes tradicionais locais. É entendida como o contraponto ao modelo do agronegócio, o qual estimula as produções principalmente de commodities através de “pacotes tecnológicos”, que nada mais são que “mordaças” estabelecidas entre “plantadores” e as multi e transnacionais produtoras de sementes transgênicas, agrotóxicos, adubos químicos, os quais contribuem diretamente e indiretamente cada vez mais para a destruição do meio ambiente e sua rica biodiversidade.

Há muitas mulheres que com vasilhas, sementes e coragem estão conduzindo processos com apresentação de projetos de vida a partir da produção e comercialização de comida boa de verdade. Historicamente o trabalho das mulheres camponesas é ocultado pelas experiências “bem-sucedidas dos homens” que são apresentados como protagonistas. Mesmo com elas desempenhando diversas atividades, a estrutura da sociedade patriarcal capitalista hierarquiza o trabalho, impondo uma divisão não natural entre mulheres e homens, entre produtivo e reprodutivo, entre público e privado, fazendo com que o trabalho doméstico seja visto como dever e obrigação das mulheres, de modo natural, desqualificado e assim, conseqüentemente, invisibilizado (PACHECO, 2009).

Agroecologia é resistência em constante transformação em cada território para o acesso à “Comida Boa e de Verdade”, tanto no campo quanto na cidade. Nesse sentido, não se pode admitir falar de Agroecologia, de acesso aos direitos, de produção de alimentos saudáveis sem tratar da importância e dos desafios das mulheres nesse campo. Mas, afinal, qual o papel das mulheres camponesas? São reconhecidas ou se reconhecem na Agroecologia?

Como a Agroecologia leva em conta todos os componentes do sistema de produção, inclusive a produção para o autoconsumo (uma das principais estratégias de garantia da soberania alimentar, que assegura a qualidade da alimentação e reduz as despesas com alimentos), ela tem o potencial de contribuir para dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, considerando-o fundamental para a sustentabilidade do sistema e para a reprodução familiar. Infelizmente, mesmo sabendo da sua real importância, políticas públicas de incentivo ao protagonismo das mulheres ainda são incipientes. De modo que a auto-organização, com a formação de grupos de mulheres, seja por meio de grupos produtivos, que geram uma nova forma de desenvolvimento, partindo do local de ação, ou na articulação com grupos consolidados, como o Movimento das Mulheres Camponesas, por exemplo, são imprescindíveis no avanço dessa temática.

As mulheres foram originalmente produtoras de alimentos em todo o mundo com importância central nos sistemas de produção alimentares. Agroecologia é organização de mulheres, crianças, de diferentes povos no enfrentamento da fome com comida boa e de verdade.

5. Oração

Deus de amorosidade

Tu escutas os gritos da fome

As mulheres buscam e encontram em ti força e coragem para a organização.

Tu és Vento de transformação, a Ruah de vasilhas e azeite.

Graças te damos pela agroecologia que é profecia no campo e na cidade. Amém.

6. Histórias de vida

Solidariedade entre campo e cidade

Com cortes drásticos de recursos em políticas de incentivo à agricultura familiar por parte do governo federal e sem uma rede de logística estruturada para agricultura familiar, em meio ao isolamento social, camponeses/as têm perdido alimentos agroecológicos, enquanto trabalhadores/as informais dos grandes centros urbanos não conseguem se alimentar de forma adequada na maior crise sanitária e humanitária do Brasil.

Diante dessa situação, a CESE juntou-se ao Movimento Camponês Popular (MCP), através da Metodologia Dupla Participação, apoiando o projeto "Alimentos dos camponeses na mesa da população urbana em situação de vulnerabilidade" para contribuir no acesso à alimentação saudável de famílias da cidade de Goiânia impactadas pela disseminação da pandemia.

Além de suprir a fome da população urbana mais vulnerável da capital de Goiás, a iniciativa teve como objetivo garantir uma renda mínima para as famílias camponesas, no escoamento dos seus produtos.

Sandra Alves, da direção estadual do MCP, explica como o campo tem sofrido no âmbito econômico, social e cultural: "Os/as agricultores/as perderam os canais de comercialização da produção em função das medidas de isolamento e falta de políticas públicas para a agricultura camponesa, o que tem aumentado a desigualdade. Além disso, houve a perda cultural já que muitas festas comunitárias/religiosas tiveram que ser canceladas", relata a diretora.

No Brasil, 70% dos alimentos que chegam à mesa dos/as brasileiros/as são oriundos da agricultura familiar. Segundo a última pesquisa do Censo Agropecuário do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para 90% dos municípios do país com menos de 20 mil habitantes, essa é a principal atividade econômica, responsável pelo sustento de 40% da população economicamente ativa.

Iniciativas solidárias como do Movimento Camponês Popular, que apostam no compartilhamento e na grandeza do desafio de mudar o rumo da produção no Brasil, são as que têm a verdadeira força de enfrentar e vencer o novo vírus.

DEPOIMENTO

"O apoio da CESE se torna fundamental para enfrentar a crise sanitária e econômica que vivemos, pois com o apoio conseguimos escoar parte da produção dos/as agricultores/as, o que gera renda e ao mesmo tempo faz chegar alimentos saudáveis de qualidade para as famílias em situação de vulnerabilidade na cidade." Sandra Alves – Movimento Camponês Popular (GO)

Referências bibliográficas

BARBOSA, Yamira Rodrigues de Souza. Mulheres Camponesas de Santa Catarina: semeando organização, Agroecologia e feminismo. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.12, n.4, dez. 2015.

OXFAM. Desigualdade social será desafio para o próximo governo. 2018. Disponível em: <https://oxfam.org.br/noticias/desigualdade-social-sera-desafio-para-o-proximo-governo>. Acesso em: 18 de set. 2020.

PACHECO, Maria Emília. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas Mulheres Agricultoras. Revista Agriculturas, v. 6, n. 4, dez. 2009.

Ao redor da mesa da cozinha há fome e partilha. É tempo de fazermos uma opção: pelo centro, pela periferia ou não optarmos.

1 - Texto bíblico para inspirar: Tive fome e me deste de comer... (Mt. 25: 35)

2 - Perguntas motivadoras:

Qual é a sua opção? Quais os princípios em que ela se baseia?

3- Introdução

A mesa da cozinha tem inúmeras representações do cotidiano de um lar. Nela, mata-se a fome de afeto, de amor, de solidariedade, de solidariedade e de arroz e feijão. A que se remete a frase "estou morrendo de fome"? Tem-se fome por deixar a alma e o estômago vazios. Falta o básico para a sobrevivência, o alimento. A fome está matando. Como matá-la?... Tem-se fome de direitos, fome de acolhida em tempos de violência contra a mulher, fome de justiça nas reivindicações do direito à vida da população negra, da população LGBTQI+. O alimento está sendo negado à humanidade, por isso a fome mata. Está sendo negado o alimento. A humanidade está morrendo.

Ao criar a mulher e o homem, Deus cuidou da fome de cada um. Deixou-os saciados, não faltava alimento na terra, era necessário só cuidar dela.

"Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio,
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava,
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus! Era um homem".

Esse poema, escrito em 1947 por Manoel Bandeira, embora tenha mais de 70 anos, retrata a realidade atual diante da pobreza e marginalização do centro à periferia, onde na luta pela sobrevivência pessoas são obrigadas a viver em condições que se igualam à de alguns animais. Essa realidade está sendo potencializada durante e possivelmente será após a pandemia.

Na mesa matamos a fome com o alimento que é servido. Ao redor da mesa matamos a solidão com um abraço, um sorriso, uma escuta. Ao redor da mesa elaboramos estratégias de sobrevivência. Mas, a espiritualidade da mesa da cozinha implica uma opção: de estarmos conosco mesmas e com a outra e o outro de uma maneira integral, criando vínculos com quem não tem um lugar à mesa. Pessoas que vivem na favela, na periferia da igreja, da sociedade, do mundo.

A disciplina de nos vincularmos à periferia sempre estará relacionada ao lugar que nela ocupamos em relação a privilégio social. Em relação a esse lugar, podemos ter três opções - Não optar, optar pelo centro ou optar pela periferia.

¹ Pastora da Aliança de Batistas do Brasil. Vice-Presidenta da CESE

Não optar

As pessoas, em geral, não estão preocupadas em se posicionarem quanto à realidade opressora e isso gera injustiça. Essas se beneficiam do status quo. Quando se trata das que sofrem por serem marginalizadas por causa do gênero, orientação sexual, raça, classe social ou por qualquer tipo de característica, podem optar por não fazer nada também. Ao não fazerem nada, a opressão e a subordinação serão internalizadas. Seu lugar à mesa será permanentemente no canto mais esquecido ou até fora dela.

Não optar é também não estar em contato com os nossos sentimentos, nem com as causas que geram o sofrimento. Para as pessoas que estão associadas aos privilégios do centro ou do sistema dominante, não optar significa serem coniventes com parte do problema, pois o sistema do racismo, do heterossexismo obrigatório e do sexismo, mantém-se opressor.

Opção pelo centro

As pessoas que estão na periferia e optam pelo centro, o fazem imitando os opressores e empenham todo o possível para parecerem iguais a quem tem o poder, para serem aceitas. Sobreviver ao redor da mesa do centro requer que sejamos cúmplices do sistema dominante e assim aprendamos a utilizar as mesmas ferramentas. Uma vez tendo as ferramentas do sistema ao nosso alcance, poderemos utilizá-las para serrar as quinas da mesa e transformá-la em uma mesa redonda, onde não há hierarquia, muito embora saibamos ser difícil isso acontecer devido ao sério risco de sermos seduzidas pelo poder e permanecermos com nossos privilégios à mesa, sem nos importarmos com quem está de fora.

Opção pela periferia

Optar pela periferia seria optar pelas pessoas pobres, assim como Jesus optou. As pessoas que optam por estar ao redor da mesa da periferia, mesmo não morando nela, necessariamente, se apropriam dela quando trabalham em solidariedade com outras pessoas que vivem à margem. Quem faz a opção pela periferia luta por uma justiça transformadora, utilizando as oportunidades para compartilhar, sem necessidade de deixar ninguém à margem. Quem está vinculado ao centro dominante pode também optar pela periferia, trabalhando na defesa das pessoas oprimidas, serrando as quinas da sua própria mesa à medida que luta pelos direitos das pessoas que estão ao redor dela.

A espiritualidade da mesa da cozinha

Bell Hooks, baseando-se no movimento feminista, nos mostra a importância que é optar pela periferia. Para praticar uma hospitalidade que atenda às necessidades das pessoas desfavorecidas, podemos, talvez, com essa experiência, perceber as múltiplas formas que servem para perpetuar a opressão. Optar por nos vincularmos com a periferia é viver uma espiritualidade que nos convida a trabalhar por justiça, começando por aquelas pessoas marginalizadas, coisificadas, abusadas e descartadas do lugar que lhe é devido ao redor da mesa.

Jesus sai da mesa para ir ao encontro das pessoas que não têm um lugar nela. É preciso permitir que Cristo entre na cozinha da nossa casa. Qual deve ser a nossa atitude ao redor da mesa? A pandemia nos deixa sem escolha, ela nos força a optar. É necessário providenciarmos lugares à mesa. Essa é nossa responsabilidade como seguidoras de Cristo. Ao assumirmos o projeto de Jesus, estamos dizendo que há lugar na mesa para a periferia, para quem está com fome. Esta é a mesa da partilha.

Na sua opção pelo centro, você escolhe o fundamentalismo, o patriarcado, a opressão, o consumismo. Já na opção pela periferia, você escolhe a democracia, a liberdade, os empobrecidos. Você escolhe saciar a fome dos que têm fome e lhes abrir os olhos para seus direitos. Certamente, Jesus já nos mostrou que fez essa opção, através de sua vida.

4 - Abordagem do texto bíblico:

"Porque tive fome e me deste de comer". Mateus 25.35.

A fração do texto é a resposta de Jesus à seguinte pergunta: - Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? O Rei faz uma opção. Ele opta pelas ovelhas e não pelos bodes. As abençoa dizendo-lhes que fizeram a melhor opção ao darem de comer. Não ficaram satisfeitas com a resposta e queriam saber mais: - Senhor, quando te vimos com fome? Jesus responde: - Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim também o fizestes.

As ovelhas, sendo referencial dos justos, foram escolhidas não ao dizerem "Senhor, Senhor", não por demonstrarem repetidamente a sua fé, mas sim pelo serviço prestado a quem está próximo, discretamente. Alimentando-os, inconscientemente, fizeram a vontade do Rei.

Ao fazerem a opção espontaneamente por bondade e não sendo forçadas, por insistirem na prática do bem, foram dignas de que o Rei lhes tratasse como "benditas do Pai".

Na opção pela periferia, ao redor da mesa, é tempo de esperança! Não podemos adiar o amor. Não há tempo. Assim como na dança acontece o imprevisto, não podemos programar o futuro nesse tempo de pandemia. É preciso que atuemos no hoje da história.

5 - História de vida

SOLIDARIEDADE POSITHIVA – Assistência e prevenção para pessoas que vivem com HIV e AIDS

Entre essa população vulnerável que sofre com a propagação da COVID-19 estão as pessoas que convivem com HIV e Aids. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), embora haja um crescimento significativo do tratamento de HIV nos últimos anos, 15 milhões de indivíduos que vivem com a doença não têm acesso à terapia antirretroviral, o que pode comprometer seu sistema imunológico.

Com o objetivo de continuar preservando a saúde dessas pessoas, a CESE apoiou, através da Metodologia Dupla Participação, o projeto "SOLIDARIEDADE POSITHIVA – Assistência e prevenção no enfrentamento à Covid-19" da Associação Caririense de Luta Contra Aids, localizada em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará.

Para Winnie Byanyima, diretora executiva do UNAIDS, "Para passar por isso precisamos aproveitar nossa valiosa experiência de responder a outras epidemias globais, como a do HIV: fundamentar a resposta em direitos humanos, envolver as comunidades e não deixar ninguém para trás", declarou Byanyima em matéria veiculada no site da organização. No entanto, o governo brasileiro pouco aprendeu com essa experiência e com outras doenças epidêmicas como varíola, meningite e febre amarela. Além de ser contra recomendações médicas e científicas, o presidente Jair Bolsonaro já declarou publicamente, semanas antes da pandemia, que "Uma pessoa com HIV, além de ser um problema sério para ela, é uma despesa para todos aqui no Brasil", reforçando o estigma e contradizendo a realidade das despesas do governo com a saúde.

Para Ana Pereira, assessora jurídica da associação, a atuação do governo, tanto em âmbito federal como estadual, tem sido tímida e omissa. As pessoas que vivem com HIV/Aids já são estigmatizadas e sofrem dificuldades para se manterem no mercado de trabalho formal: "Na nossa Região do Cariri, temos a predominância dessa população no trabalho informal, principalmente no comércio e agora, em meio à pandemia, essas pessoas não têm tido nenhum meio de garantir sua própria subsistência com dignidade", explica Pereira.

Além da distribuição de cestas básicas de alimentos, bem como material de limpeza e higiene pessoal, máscaras de proteção, álcool em gel a 70% e gás de cozinha para esse público, a CESE apoiou a entrega da medicação nas residências das pessoas vivendo com HIV/Aids e atendimento jurídico e social sobre o CADÚnico, os horários de entrega de medicação, auxílio emergencial do governo e locais de atendimento em casos suspeitos da COVID-19.

DEPOIMENTO

“Emano à CESE toda gratidão das pessoas que tiveram suas vidas um pouco impactadas e melhoradas através desse elo de confiança e de vontade de ver um mundo mais igualitário e justo. A importância dessa parceria durante esse momento tão difícil de pandemia foi imprescindível para conseguirmos ajudar nossos/as assistidos/as. Foi através da CESE que conseguimos minimizar, na vida de muitas pessoas, os impactos negativos causados pela pandemia da COVID-19, tanto na entrega de medicações e informações sobre os serviços de saúde, sendo um elo entre o serviço de referência e o paciente vivendo com HIV, bem como dizendo um SIM ao pedido de ajuda alimentar e outras necessidades básicas.” Ana Pereira - Associação Cariense de Luta Contra Aids (CE)



Referências bibliográficas

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n° 16, p. 193-210. 2015.

Russell, Letty M. La Iglesia como comunidad inclusiva: una interpretación feminista de la Iglesia. Ed. Buenos Aires 2004.

Bianca Daébs¹

1 - Texto bíblico para inspirar:

Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: "Este lugar é deserto, e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar alguma coisa para comer". 16 Mas Jesus lhes disse: "Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer". 17 Os discípulos responderam: "Só temos aqui cinco pães e dois peixes". 18 Jesus disse: "Tragam isso aqui". 19 Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Depois pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães, e os deu aos discípulos; os discípulos distribuíram às multidões. 20 Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. 21 O número dos que comeram era mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. Mt 14. 15 a 21.

2 - Perguntas motivadoras:

- :: O que é Milagre?
- :: Será que podemos fazer milagres?
- :: Quando somos o milagre de Deus na vida de alguém?

3- Introdução

O texto do evangelho de Mateus nos conta que Jesus foi seguido por uma multidão e que, ao cair da tarde, as pessoas estavam cansadas da caminhada e com fome. Os discípulos então sugeriram que Jesus as despedisse enquanto era dia para que pudessem conseguir comida nos povoados vizinhos. Jesus então respondeu dizendo: "Dai-lhe vós de comer".

É interessante observar que Jesus não se animou a transformar pedras em pães ou a fazer o maná cair do céu. Aliás, parece que Ele sempre hesitava em fazer milagres, principalmente aqueles que se assemelhavam a mágica e deixavam as pessoas impressionadas e com aquela sensação de que jamais fariam coisa semelhante. Só para ilustrar, podemos citar os textos de Lucas 4 e Mateus 16:14. Jesus ensinava que a essência estava no amor e não no milagre, a centralidade do Evangelho estava em amar ao próximo como a si mesmo. Neste sentido, Jesus parece gostar de milagres que se repetem, que podem ser realizados por qualquer pessoa a qualquer tempo, como o milagre de juntar os cestos e repartir o pão.

4 - Abordagem do texto bíblico

Mudando a lógica do Império: Dai-lhe vós de comer

Diante da fome da multidão, a ordem de Jesus aos discípulos parece absurda e assustadora, afinal eram doze para alimentar mais de cinco mil pessoas. Mas, Jesus faz os discípulos perceberem que o problema da fome só seria resolvido se eles mudassem a lógica daquela equação. Se todos se ajudassem mutuamente, se cada um e cada uma desse do pouco que tinham, haveria mantimentos para todas as pessoas. A lógica do Reino de Deus contraria a lógica do império. Jesus ensinava que, só depois de juntarem os cestos, compartilharem os pães e os peixes, e multiplicarem os afetos, poderiam despedir as pessoas para que seguissem em paz.

Na lógica do Reino de Deus ninguém fica com fome. Não há espaços para condicionantes. A ordem é juntar os cestos e unir os corações, não importa se idosos ou criança, mulheres ou homens, libertas ou escravizadas; não importa a religião ou a raça, o Evangelho libertador nos convida a amar a outra pessoa como a nós mesmos e compreendermos que cada uma delas é a imagem e semelhança de Deus entre nós.

¹ Bianca Daébs - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Membro da equipe de Coordenação do Coletivo MUPPS - Mulheres, Políticas Públicas e Sociedade.

5 - Uma abordagem a partir de fatos da vida

Ainda hoje somos desafiadas a Juntar nossos Cestos

Ainda hoje somos desafiadas a juntar nossos Cestos. Em meio à pandemia da Covid-19, as mulheres das periferias das cidades do Brasil experimentaram o desemprego, o isolamento social, viram crescer o aumento da violência doméstica e do feminicídio em suas casas e comunidades. Elas foram despedidas de seus subempregos com as mãos vazias e já não tinham como prover o sustento próprio e de suas famílias. Essas mulheres tinham fome de comida, de cuidado e de Justiça.

Nesse momento difícil em que parecia impossível construir uma articulação e mobilizar recursos, muitas iniciativas de mulheres surgiram em todo o país. Uma delas surgiu em Salvador-Bahia, dentro do Coletivo MUPPS - Mulheres Políticas Públicas e Sociedade que, tendo representações de mulheres de terreiro, protestantes, católicas, espiritualistas e agnósticas, decidiram juntar os seus Cestos para reparti-los com suas irmãs.

Cada uma pegou seu Cesto e dentro deles colocou seu tempo, seu amor à próxima, seus conhecimentos, seus cuidados, sua fé em Deus, nas Deusas, nos Orixás, sua fé na Vida. E, aos poucos, foram desenvolvendo ações humanitárias e ações educativas que promoveram o direito das mulheres e as preveniram contra violência doméstica.

Foi um tempo difícil e, ao mesmo tempo, de experiências maravilhosas. Ninguém sai ilesa de uma crise como esta, mas podemos e queremos sair mais fortes, mais generosas e mais sensíveis, acreditando na potência desse milagre que sacia o corpo e alimenta o espírito. Enfrentamos os dias difíceis com essa espécie de utopia que só é possível às pessoas que ousam subverter a lógica do sistema patriarcal e capitalista que individualiza, divide e objetifica as mulheres.

O milagre de unir os Cestos das mulheres é um tipo de milagre que faz render o pão e não deixa o azeite da viúva acabar, nem a dor secar em seu peito. É Cesto que colhe e acolhe, é o tipo de milagre que semeia esperança em tempos sombrios, anunciando a chegada da primavera que nos faz renascer ainda mais fortes e frondosas para vida. E assim fazemo-nos, outra vez, sementes de um novo tempo.

Música para finalizar

Vilarejo (Marisa Monte)

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas cal
Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonhos semeando o mundo real

Toda a gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos
Os destinos e essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for...

Histórias de vida

Em Tempos Sombrios Tecemos a Esperança

Em um país desigual como o Brasil, em que a extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos, segundo uma recente pesquisa do IBGE, a pandemia expõe pessoas mais vulnerabilizadas, como moradores/as de espaços pequenos e precários, como favelas, ocupações e palafitas.

Maura Cristina, da Articulação dos Movimentos e Comunidades do Centro Antigo de Salvador e também da coordenação estadual do movimento, traz a discussão racial e o impacto da Covid-19 na vida das mulheres negras: "O impacto para nós mulheres negras é muito cruel. O enfrentamento por trabalho e renda, saúde, mobilidade, segurança e combate ao genocídio da juventude negra se agrava, para que possamos nos manter com casa limpa, filhos/as dentro de casa, em cubículos com várias pessoas, sem TV e sem alimentação adequada. Como faremos isso? O impacto é genocida", afirma Maura.

A iniciativa apoiada pela CESE ocorre em uma situação de racismo estrutural onde uma parcela significativa da população negra não tem moradia – ou, quando possui, não há saneamento básico, regularização no fornecimento de água, energia elétrica e condições propícias de distanciamento. Diante desse contexto, foi apoiado o projeto "Em tempos sombrios tecemos a esperança – A resistência das ações solidárias frente à pandemia", com o objetivo de garantir a alimentação, através da doação de cestas básicas, para moradores/as que estão em maior situação de vulnerabilidade social, como também distribuir produtos de higiene e realizar doações de máscaras confeccionadas pelas "Guerreiras Sem Teto" – mulheres que compõem o movimento.

Além disso, o recurso recebido pela CESE está viabilizando a realização de uma campanha educacional de combate à pandemia para as famílias assentadas, com divulgação de cartazes informativos e distribuição de cadernos pedagógicos sobre prevenção e cuidados com a higiene.

DEPOIMENTO:

"Não existe aula online para crianças que não têm chinelo para calçar. Sem falar de acesso à internet e celular. Então, produzimos esse material lúdico em parceria com a CESE para conscientização das crianças e também das famílias sobre a Covid-19, o que tem favorecido bastante a comunicação dentro das ocupações".'

Juliana Santos – Movimento Sem Teto da Bahia (BA)



AS FOMES DO POVO E AS PARTILHAS DO REINO DE DEUS EM TEMPOS DE PANDEMIA

José Roberto Cristofani ¹

1 - Texto bíblico para inspirar – Amós 8.4 a 7

4. Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado; e destruíis os miseráveis da terra, 5. Dizendo: quando passará a lua nova, para vendermos o grão? e o sábado, para abrimos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganosas, 6. Para comprarmos os pobres por dinheiro, e os necessitados por um par de sapatos, e vendermos o refugio do trigo? 7. Jurou o Senhor pela glória de Jacó: eu não me esquecerei de todas as suas obras para sempre.

2- Perguntas motivadoras

- :: Quando você lê este texto, você se sente na igreja ou no supermercado?
- :: Como você enxerga a relação da religião com o comércio?
- :: O que caracteriza a voz do profeta Amós neste trecho?

3- Introdução

Você viu o que aconteceu com o arroz este mês? Seu preço subiu nas alturas! E não foi só o arroz, não, que teve aumento. Outros alimentos subiram também. Pra gente, que come arroz e feijão todo dia foi um soco no estômago.

O pior de tudo é que o aumento no preço dos alimentos é provocado, em grande parte, por um comércio injusto. Digo comércio injusto, porque o controle não está na mão dos pequenos produtores, que são a maioria. Está na mão de grandes comerciantes, que pagam pouco ao produtor e cobram de nós consumidores.

4 - Abordagem do texto bíblico

O texto de Amós 8.4 a 7 é a voz de um profeta dentro de uma sociedade na qual o rei domina a religião e a religião domina a economia. E isso não dá para dividir. Não dá para dizer assim: Olha, o rei cumpre a sua tarefa, o comércio cumpre a sua, e a religião cumpre a sua. Não era assim, a sociedade era uma mistura, tudo junto e misturado, sem chance de separar isso. Então, quando Amós direciona a sua voz para o rei, ele está envolvendo o aspecto econômico, político, religioso, tudo junto.

Vamos perguntar: Como a voz de Amós se constitui em uma voz profética?

O primeiro detalhe é que a voz de Amós se constitui a partir da sua realidade social, religiosa, política e econômica. Suas palavras são tomadas da realidade social. Por isso, a voz profética tem que estar atenta com as narrativas que circulam na sociedade.

O segundo detalhe é que a voz de Amós usa a linguagem da sua época, usa a linguagem do seu entorno, mas não a usa de forma irresponsável. Ele simplesmente toma os seus termos e mostra como essa sociedade está em oposição à vontade de Deus.

¹ Pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, teólogo e biblista.

O que acontecia na lua nova? A Lua Nova era uma festa de comunhão. Por exemplo, havia banquetes. Dá uma olhadinha em 1 Samuel 20, que fala a respeito deste banquete. O banquete era feito no templo de Samaria, no Reino do Norte, para que as pessoas participassem, para que as pessoas trouxessem o cereal, trouxessem o grão, e partilhassem.

Na lua nova as pessoas iam para ouvir a voz de Deus, iam ao Templo para sacrificar, era uma festa, um banquete. E neste dia se suspendia as atividades econômicas. Mas olha o que as pessoas estão pensando. Quando passará a lua nova? A impaciência de prestar culto a Deus por causa do comércio. Quando passará essa lua nova? Isso não termina nunca! Todo mês a gente tem que parar e cultuar a Deus? Quando passará a lua nova para vendermos o grão? O único interesse dessas pessoas, desses comerciantes, é puramente econômico.

E é interessante que as pessoas levam, como oferta, o grão e o cereal, e é isso que os comerciantes querem vender. Vender e inflacionar, vender com balanças enganosas, vender o refugo. Eles pegam o melhor para eles e vendem o refugo de volta para os pobres. A linguagem toda está mesclada de uma falta de fé, de uma falta de entendimento do que significa a Lua Nova. Está contaminada, contaminadíssima, da ideia de obter lucro, apenas para tirar proveito da situação.

A voz de Amós se constitui, também, do chamado de Deus, com certeza. Mas também se constitui na vivência do profeta.

Essa voz se constitui então da linguagem apropriada, da linguagem que está no dia a dia. E o profeta coloca tudo em termos de pergunta, por isso que eu chamo essa voz de voz contestadora. Por quê? Porque o profeta está colocando tudo em forma de pergunta: Por que vocês vão esperar a lua nova, estão torcendo para que a lua nova passe rapidamente? Porque que vocês estão querendo comprar o pobre? Por que vocês estão querendo vender o refugo do trigo? Por que estão querendo comprar com dinheiro os necessitados e os pobres por um par de sandálias?

Que mentalidade diabólica é essa de usufruir? Não seria nem usufruir, a palavra seria explorar os mais necessitados, os vulneráveis. Aqueles que mais precisam vocês querem explorar, tirar o sangue, tirar as sandálias. As sandálias são a peça do vestiário mais necessária para quem vive numa região pedregosa, para quem vive numa região que precisa fazer caminhadas longas, precisa trabalhar na roça.

Por que meu Deus? Amós pergunta para eles: Por que vocês querem fazer isso? Porque falta o temor de Deus, jurou o Senhor pela glória de Jacó, eu não me esquecerei de todas as suas obras para sempre.

A voz de Amós é contestadora, porque não admite a injustiça em qualquer grau, muito menos nesse grau que está a mostrar aqui dentro do texto, um grau de opressão, um grau de esmagamento, de escravidão. Os pobres e miseráveis vão, de fato, entregar até os seus próprios corpos, até os seus próprios filhos para pagar essas dívidas, para pagar aquilo que essas pessoas estão exigindo. Mas que passe a lua nova, que passe essa obrigação religiosa, esse contato com Deus.

Sobre esse comércio injusto e exploratório, nós temos duas saídas atualmente, eu só vou indicá-las. Uma é o comércio justo, procure na internet por "comércio justo". Eu anotei aqui: o comércio justo é uma possibilidade de acabar com essa exploração nos processos de produção e comercialização dos alimentos. E a outra saída é a economia solidária, as cooperativas que se têm disseminado pelo país, espalhando a ideia de um cooperativismo, de uma economia justa.

Nós temos caminhos, nós temos possibilidades, a gente tem que encontrar esses caminhos. A voz de Amós para os nossos dias é a voz de Deus, uma voz solidária, que denuncia, que chama ao arrependimento. É a voz contestadora.

5 - Uma abordagem a partir de fatos da vida

Essas palavras do profeta Amós falam profundamente ao nosso coração. Não parece que ele está falando de coisas do nosso dia a dia? Parece que Amós veio para os dias de hoje, entrou em um templo e viu o que está acontecendo, não é mesmo?!

Por isso, precisamos dessas palavras do Profeta, para percebermos que corremos o risco de colocar o desejo de ganhos acima das exigências de Deus por justiça. Veja que eu disse desejo e não necessidade. Amós nos fala sobre a ganância de alguns, a trapaça de outros e a injustiça de todos.

Lutemos por um comércio justo baseado nos princípios de justiça do Senhor, nosso Deus.

6- Oração, música ou poema para finalizar

Por um pedaço de pão (Padre Zezinho)

Por um pedaço de pão e por um pouco de vinho
Eu já vi mais de um irmão se desviar do caminho
Por um pedaço de pão e por um pouco de vinho
Eu também vi muita gente encontrar novamente o caminho do céu
Eu também vi muita gente voltar novamente ao convívio de Deus

Por um pedaço de pão e um pouquinho de vinho
Deus se tornou refeição e se fez o caminho
Por um pedaço de pão, por um pedaço de pão (Bis)

Por não ter vinho nem pão, por lhe faltar a comida
Eu já vi mais de um irmão desiludido da vida
E por não dar do seu pão, e por não dar do seu vinho
Vi quem dizia ser crente, perder de repente os valores morais
Vi que o caminho da paz só se faz com justiça e direitos iguais

Por um pedaço de pão e por um pouco de vinho
Eu já vi mais de um irmão tornar-se um homem mesquinho
Por um pedaço de pão e por um pouco de vinho
Vejo as nações em conflito e este mundo maldito por não partilhar
Vejo metade dos homens morrendo de fome, sem Deus e sem lar

Histórias de vida

Ajuda humanitária para povos indígenas da Amazônia

Os números de novas perdas de vidas no Brasil decorrentes da Covid-19 não param de crescer. Os povos indígenas são um dos mais afetados pelo alastramento da pandemia, diante das vulnerabilidades sociais e econômicas a que se encontram submetidos e da histórica violação do direito às suas terras ancestrais.

Um dos grandes fatores para a contaminação é o contato criminoso crescente com não indígenas (como garimpeiros), que invadem as terras dos povos originários. O desmatamento da Amazônia em abril foi o maior dos últimos dez anos, com 529 km² da floresta derrubada. Os dados são do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD), do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A região teve, no mês passado, um aumento de 171% em relação a abril de 2019.

Atenta a esse cenário, a ACT Aliança deu sua contribuição ao cuidado, proteção e resistência, especialmente dos povos indígenas da Amazônia. Com a coordenação no Brasil feita pela CESE, foram doadas mais de 4 mil cestas básicas e kits de higiene para diversas etnias da Região Norte, Centro-Oeste e Sul.

Itens de primeira necessidade como alimentos, produtos de higiene e álcool 70% foram recebidos pelas seguintes Nações: Tenharim, Parintitin, Jiahui (Sul do Amazonas/Madeira); Apurinã e Jamamadi de Boca do Acre (Amazonas); Jaminawa Arara, Shanenawa, Madijá, Nukini e Noke Koí /Katukina (Acre); Tenetehara (Guajajara), Krikati e Gavião (Maranhão – região Sul); Arara e Gavião – TI Igarapé Lourdes (Rondônia); Guarani (Rio Grande do Sul); Munduruku, Arapiun, Borari, Tupaiú, Arara Vermelha e Tapajós (Tapajós /Pará); Pakaa Nova, Makurap, Sakurabiat (Rondônia); Guarani Kaiowá (Mato Grosso do Sul); Kokama, Ticuna, Waikuru, Apurinã, Karuara (Manaus e entorno); Sateré Mawé (Manaus); Tukano, Dessano, Arapasso, Baré, Mirititapui, Piratapuaia, Tuyuka, Wanano, Karapana, Tariano (Manaus).

7 - DEPOIMENTO

"Agradecemos a sensibilidade e generosidade em contribuir neste tempo difícil que o nosso país e o estado do Amazonas passam, com a disseminação do novo corona vírus. Os povos indígenas integram o grupo de risco. De modo particular, as mulheres indígenas são mais vulneráveis. Este é um momento de muita luta. São essas mulheres guerreiras que cuidam das famílias. Nossas dores e angústias se transformam em luta pelo direito de nosso viver" - Clarice Tukano, da Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro- AMARN.



NO BANQUETE DA VIDA, O MILAGRE DA PARTILHA!

Augusto Amorim Jr. ¹

1 - Texto bíblico para inspirar: Mt 14.13-21

Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: "Este lugar é deserto, e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar alguma coisa para comer". Mas Jesus lhes disse: "Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer". (Mt 14.15-16)

2 - Perguntas motivadoras:

Seria o deserto um lugar apropriado para um banquete? O que este banquete tem de surpreendente e alternativo? Em que medida a sensibilidade e a compaixão movem as ações solidárias de Jesus? O que há de previsível da parte dos discípulos e imprevisível da parte de Jesus diante das fomes do povo? O milagre está na multiplicação ou na partilha dos alimentos? O que nos sinaliza a participação dos discípulos na distribuição dos pães/peixes?

3 - Introdução

Atravessamos um tempo desértico de pandemia. As várias fomes de nossa sociedade foram potencializadas e escancaradas. Fome de pão, fome de afeto, fome de beleza. Fome de cuidado, justiça, paz. Fomes tantas vezes tratadas com desdém por autoridades que deveriam priorizar a busca de soluções e de maneiras de defender/promover a vida, num contexto de tanta morte e sofrimento. Escassez para a maioria da população, sobretudo nas periferias, bem como entre povos indígenas e comunidades tradicionais. Opulência para muito poucos. Por um lado, no Brasil, 42 bilionários aumentaram suas fortunas em U\$ 34 bilhões no período pandêmico. Por outro lado, conforme Pesquisa de Orçamentos Familiares, divulgada em 17/09/20 pelo IBGE, a fome chegou a 10,3 milhões de pessoas, 7,7 milhões da área urbana, 2,6 milhões da área rural. Estes dados, coletados entre 2017 e 2018, relacionam-se intimamente com demandas do presente momento apresentadas por estudiosos e entidades da sociedade civil, dedicadas ao tema. As injustiças de recorte racial e de gênero também se entrelaçam nesta triste realidade. As mulheres e pessoas negras são maioria como chefes (as) de lares com insegurança alimentar grave. Os números nos ajudam a entender e, inclusive, perceber o aumento da fome em nosso país nos últimos anos. Contudo, não basta saber, é preciso compaixão diante das fomes do nosso povo, diante de nossas fomes, para que ações solidárias e transformadoras aconteçam. Afinal, continuam atuais os versos proféticos do Rev. João Dias de Araújo, "...há muita fome no meu país..." e "... a injustiça é contra Deus e a vil miséria insulta os céus"!

4 - Abordagem do texto bíblico:

No nosso texto (Mt 14: 13-21), encontramos, no Banquete da Vida, o milagre da partilha! Este texto é um contraponto ao trecho anterior (Mt 14: 1-12), onde encontramos o banquete da morte, quando Herodes manda matar João Batista. No palácio (lugar dos poderosos, da riqueza acumulada), a voz do profeta, que denunciava erros e injustiças e anunciava os valores do Reino de Deus, é silenciada pela violência do injusto tirano.

¹ Presbítero da IPU de Itapagipe/ 1º Secretário do CC IPU/ 1º Secretário da CESE

² Fortuna de bilionários brasileiros cresce em U\$ 34 bilhões na pandemia, 27/07/2020/ Yahoo Finanças

³ Fome atinge 10,3 milhões e 44% das famílias rurais sofrem com insegurança alimentar, 17/09/2020, Brasil de Fato

4 - Abordagem do texto bíblico:

No nosso texto (Mt 14: 13-21), encontramos, no Banquete da Vida, o milagre da partilha! Este texto é um contraponto ao trecho anterior (Mt 14: 1-12), onde encontramos o banquete da morte, quando Herodes manda matar João Batista. No palácio (lugar dos poderosos, da riqueza acumulada), a voz do profeta, que denunciava erros e injustiças e anunciava os valores do Reino de Deus, é silenciada pela violência do injusto tirano.

Ao receber a terrível notícia, Jesus foi para o deserto. João Batista foi muito importante na trajetória de Jesus, aquele que preparou os caminhos... Certamente, Jesus buscava um tempo para, a sós com o Pai, lidar com o luto. No entanto, uma multidão, com suas carências e doenças, o seguiu. Jesus teve compaixão e mudou de planos, dedicando-se, então, a cuidar- curar aquelas pessoas sofredas. Compaixão é uma experiência de Deus, fonte da verdadeira solidariedade. No Banquete da Vida, compaixão é imprescindível!

O lugar onde acontece o Banquete da Vida, o milagre da partilha, é o deserto... Lugar da escassez, lugar de dificuldade... Isto nos remete ao texto de Êxodo 16, quando o Deus Libertador saciou o povo de Israel com o maná, também no deserto, através da partilha, pois orientou o povo de tal maneira que não sobrasse para quem recolheu mais, nem faltasse para quem recolheu menos (Ex 16.18). Assim, não faltou o suficiente para ninguém.

No Evangelho de Mateus, Jesus saciou as fomes do povo novamente no deserto através do milagre da partilha! Rejeitou a posição dos discípulos, "realistas", numa linha individualista/egoísta, sintonizados com o que expressa o dito popular "farinha pouca, meu pirão primeiro". Nega também a postura dos discípulos de dependência e impotência ("com o pouco que temos, nada podemos fazer; que façam por si ou que alguém faça por nós"). Com seu posicionamento, Jesus mostra que, com fé e solidariedade, é possível criar alternativas.

Um detalhe significativo: antes da distribuição, Jesus diz para o povo sentar. Naquela época, sentar para comer era coisa de pessoas livres, o que nos ensina que a liberdade é forjada na partilha! Na ditadura militar brasileira, falava-se em milagre econômico, a lógica defendida era de que "era preciso fazer crescer o bolo para depois dividir". E este depois nunca chegava... No "milagre econômico" de Jesus, o princípio é dividir para multiplicar Vida! Modelo que é pertinente tanto para nossas convivências cotidianas, igrejas e movimentos, quanto para os economistas de plantão.

Por fim, Jesus não faz tudo sozinho. Convida os discípulos a participar da distribuição dos alimentos (convite que se estende a nós...) e não permite desperdícios. Somos chamados (as) a participar da missão de Jesus de alimentar vida plena e digna para todos (as)!

5 - Música para finalizar:

Pão em todas as mesas (Zé Vicente)

A mesa tão grande e vazia
De amor e de paz, de paz!
Onde há luxo de alguns
Alegria não há jamais!
A mesa da Eucaristia nos
Quer ensinar, ah, ah
Que a ordem de Deus
Nosso Pai é o pão partilhar

Pão em todas as mesas
Da Páscoa a nova certeza
A festa haverá
E o povo a cantar, aleluia!

As forças da morte, a injustiça
E a ganância de ter, de ter
Agindo naqueles que impedem
Ao pobre viver, viver
Sem terra, trabalho e
Comida a vida não há, não há
Quem deixa assim e não age
A festa não vai celebrar

Irmãos, companheiros na luta
Vamos dar as mãos, as mãos
Na grande corrente do amor
Na feliz comunhão, irmãos
Unindo a peleja e a certeza
Vamos construir, aqui
Na terra, o projeto de Deus todo povo a sorrir

Bendito o Ressuscitado
Jesus vencedor, ô ô
No pão partilhado a presença
Ele nos deixou - deixou!
Bendita é a vida nascida de quem
Se arriscou, ô ô
Na luta pra ver triunfar
Neste mundo o amor!

6 - Histórias de vida

História de vida: A partilha com imigrantes e refugiados/as

A pandemia carrega consigo as marcas das desigualdades e à medida que avança no Brasil, vai deixando cada vez mais certas populações em posição mais vulneráveis. Entre os grupos mais susceptíveis aos efeitos do novo Coronavírus estão as pessoas em situação de refúgio e os/as imigrantes que deixaram seus locais de origem para fugirem de crise econômicas e políticas, desastres ambientais, guerras e perseguições.

Segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), o Brasil possui cerca de 1,2 milhões de imigrantes internacionais, 43 mil pessoas reconhecidas refugiadas e 193 mil solicitantes de refúgio. A cidade de São Paulo concentra o maior número dessas populações, 360 mil pessoas e mais de 150 nacionalidades. Habitualmente afastados/as dos sistemas de proteção social e negados seus direitos fundamentais, os/as imigrantes convivem com xenofobia, e atualmente, enfrentam novos desafios com a pandemia do Covid-19. Segundo o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante, estima-se existência de 400 mil imigrantes pobres em situação de vulnerabilidade, em sua maioria haitianos e africanos que chegam na condição de refúgio e vivem, em sua maioria, nas ocupações de São Paulo, onde o CAMI atua.

Para Carla Aguiar, assistente social que atua na organização dessas populações enfrentam grandes dificuldades de acesso às políticas sociais no Brasil nesse período: "As políticas públicas não funcionam bem para brasileiros, muito menos para imigrantes e refugiados/as.", afirma. Segundo ela, entre os desafios enfrentados durante a pandemia que circunscrevem o cotidiano desses/as indivíduos, estão as questões relacionadas ao trabalho, aos cuidados da saúde e a educação. A maior parte dessa população sustenta suas vidas e de suas famílias através do mercado informal, e com as medidas de isolamento perderam suas fontes de renda. Nesse contexto, muitos/as acabam vivendo nas ruas ou em comunidades periféricas sem infraestrutura básica que garanta seus direitos fundamentais.

Diante dessa situação, a CESE apoiou o "Projeto Apoio emergencial devido à pandemia COVID-19" com o objetivo de socorrer e auxiliar os imigrantes e refugiados/as na perspectiva de inclusão social, para que essas pessoas tivessem acesso a direitos básicos como alimentos, remédios e materiais de limpeza, retirando-os do risco iminente nesse momento em que ficar em casa se tornou uma prevenção. Foram doadas 600 cestas básicas, incluindo água e itens de produtos de limpeza e higiene.

DEPOIMENTO

"A CESE foi a primeira instituição que diante da Pandemia se preocupou com os imigrantes e refugiados/as. Fez contato conosco para saber o que estava se passando com eles/as naquele momento, pediu um relatório e buscou apoio para dar esperança de que juntos/as iríamos superar este momento. Este olhar sensível levou o CAMI a presentear muitas famílias com alimentos, mas, não somente com comida, e sim, com esperança."
Roque Renato Pattussi, CAMI - Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (SP)





*Em defesa dos
Direitos Humanos*



Anderson 2020